

RESENHA

ENTRE os Muros da Escola. Direção: Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo e Carole Scotta. Paris: Imovision, 2008. 1 DVD.

Glenda Miranda MOURA¹

Palavras-chave: ensino; vernáculo; prática docente.

Key-words: teaching; vernacular; teaching practice.

Há anos são discutidas questões acerca do ensino de língua materna no Brasil. Com o filme *Entre os Muros da Escola* percebemos que os problemas enfrentados por nós brasileiros não são exclusivos de nosso país. Embora a organização burocrática do ensino, a estrutura das escolas e as realidades de professores e de alunos sejam diferentes daquelas encontradas no Brasil, o retrato feito por Laurent Cantet nos mostra que nosso país não está tão atrás no que tange à educação mundial.

O filme, baseado no livro homônimo escrito por François Bégaudeau, retrata sua prática docente do próprio Bégaudeau, autor e personagem da história. Bégaudeau é jornalista, professor e autor de dois romances: *Jouer juste* (Jogar justo), de 2003 e *Dans la diagonale* (Na diagonal), de 2005. Escreveu também uma ficção biográfica sobre o vocalista da banda inglesa Rolling Stones chamado *Un démocrate Mick Jagger 1960-1969* (Um democrata Mick Jagger 1960-1969), de 2005. Sua obra *Entre les murs* (Entre os muros da escola), de 2006, ganhou o prêmio France Culture/Télerama no ano de lançamento. Tão aclamado pela crítica cinematográfica quanto o livro, pela literária, o filme ganhou o Palme d'Or do Festival de Cannes também no ano em que foi lançado.

O filme é inteiramente gravado na escola com exceção de duas cenas que mostram a chegada dos professores. As cenas na escola mostram a convivência dos professores, da coordenadora e do diretor em suas relações com alunos e pais. Os atores todos representaram seus reais papéis, desde François, personagem principal, até os

¹ Graduanda em Letras Portugêses pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: glendammoura@gmail.com

serventes da escola, passando também por alunos, pela coordenadora e pelo diretor, tornando o filme uma linha tênue entre o documental e o ficcional e tentando ao máximo remeter à realidade daquele país.

François, personagem citado anteriormente, é o professor de uma escola que atende tanto a alunos parisienses, como também aqueles provindos de antigas colônias francesas (como o Reino de Marrocos e a República de Mali), bem como de outros países, como o casal de irmãos asiáticos, filhos de imigrantes ilegais. O professor, frente ao contexto heterogêneo em sala, em meio a tantas culturas, prende-se cada vez mais ao ensino de uma língua normatizada pela gramática, temendo talvez não conseguir arcar com os diferentes dialetos trazidos por seus alunos. Conduz, assim, aulas expositivas nas quais mostra e explica os conteúdos gramaticais com exemplos descontextualizados. Isso constitui o foco de alguns dos questionamentos que os alunos levantam: o nome do sujeito de uma das frases expostas pelo professor (o nome inglês Bill, que duas alunas julgam esquisito e pedem para substituir por Aïïisata, nome mais comum para elas); o desuso, pela população, dos tempos verbais mais formais (imperfeito do subjuntivo).

Dois momentos chamam bastante atenção no que tange ao andamento das aulas por representarem uma realidade também presente no Brasil. O primeiro momento diz respeito à aula na qual o professor pede que os alunos leiam um texto e apontem as palavras que desconhecem. Após escrever as palavras no quadro, o professor passa a perguntar aos alunos se eles sabem o que significam as palavras e escreve frases contendo-as, de maneira que os alunos possam descobrir, em outro contexto, de que se tratam aquelas palavras. O segundo momento diz respeito à aula na qual o professor fala sobre o imperfeito do subjuntivo a partir de um exemplo demonstrado no quadro e os alunos não aceitam, dizendo ser algo que apenas os burgueses usam. Enquanto o professor explica que sim, que o imperfeito do subjuntivo é uma construção que faz parte de um determinado registro da língua, uma aluna pergunta como saber que palavra empregar em cada registro. Inseguro, o professor responde ser algo que se aprende com a prática e que é preciso aprender a usar a intuição.

É preciso observar atentamente esses dois momentos: em ambos, vemos o uso de exemplos recortados, frases criadas pelo próprio

professor e que se adaptam exatamente ao que ele tenta explicar. No que tange ao significado das palavras, François poderia ter optado por ensinar aos alunos a buscar no próprio texto algo que sugerisse o significado das palavras, trabalhando assim sua maturidade em leitura. Quanto à aula sobre o imperfeito do subjuntivo, a atitude de François é repetida pelos professores acostumados a trabalhar a gramática normativa, distante da realidade do aluno e também do uso que fazem da língua. Frente a um questionamento como o exposto no final do parágrafo anterior, os professores não encontram respostas nos livros e, despreparados, respondem imprudentemente.

Pressupõe-se então que o tempo reservado para a reflexão sobre a prática docente e para o planejamento das aulas não existe, uma vez que, inclusive, não é retratado no filme. O momento em que a prática docente é realmente colocada em cheque na película ocorre na cena em que os professores preocupam-se com a situação de um aluno que será expulso da escola como medida disciplinar. Os professores questionam-se se fizeram tudo o que poderiam para ajudar esse aluno, depois de uma aluna ter dito que o rapaz seria mandado de volta para Mali pelo pai caso saísse da escola. François questiona-se, principalmente, se não seria apenas inércia mandá-lo para outra escola sem dedicar um momento para estudar a questão que envolvia esse estudante mais a fundo. No fim, os professores acabam por concluir que o destino daquele aluno não estava mais em suas mãos e que as atitudes dele levaram-no à expulsão.

Sem tempo para planejar as aulas, ou tendo esse tempo reduzido a seus dias de folga, os professores não podem pensar em questionamentos como os expostos pelos alunos, ou em maneiras diferentes de tratar o conteúdo. Quando uma proposta pedagógica que considera mais a interdisciplinaridade e o pensamento crítico dos alunos, enriquecendo o trabalho de professor e alunos, aparece, o professor François se mostra receoso: ele nega a proposta de Frédéric, professor de História e Geografia, de passar aos alunos leituras de Voltaire, autor francês que se enquadra no período histórico que será trabalhado. O livro escolhido por François, chamado O diário de Anne Frank, está distante da realidade francesa que, embora tenha resquícios de uma influência nazista, não teve sua cultura tão afetada quanto à alemã

pela Segunda Guerra Mundial.

Nota-se que professor e alunos mantêm-se saudavelmente distantes, em virtude do poder exercido por aquele sobre estes, e reafirmado constantemente durante as aulas, quando, por exemplo, François cobra que os alunos saibam a resposta correta. O poder da instituição de ensino é também constantemente reafirmado: os alunos têm de se levantar para receber o diretor; devem permanecer na sala ao final da aula caso o professor os solicite; têm uma agenda na qual o professor escreve recados para os pais sobre o comportamento do aluno e ficam em fila para entrar em sala, sendo recebidos pelo professor que entra por último. Estabelecendo uma comparação com as escolas brasileiras, perdeu-se há muito o hábito de receber de pé o diretor ou qualquer outra figura de poder. A agenda como estratégia de coerção é mantida apenas por algumas escolas particulares, mas o aluno ainda pode ser solicitado a permanecer no final da aula para falar com o professor, ou mesmo como medida punitiva de seu mau comportamento.

A autonomia do professor torna-se um problema quando ele passa a pensar que apenas por meio da força far-se-á entender. Nesse momento, François altera-se e ofende duas alunas comparando-as vagabundas pelo comportamento na reunião do conselho, da qual também participavam professores e pais. As alunas levam seu descontentamento à coordenadora, que chama a atenção de François, o qual, deixando-se levar pela raiva, segue as alunas no pátio e inicia uma discussão que envolve toda a turma. Dessa maneira, as relações entre professores e alunos parecem depender de quem tem mais razão, sendo o professor sempre defendido pela escola, não havendo em momento nenhum uma discussão pacífica e sensata.

No filme, o professor tem sua ação limitada apenas pela própria escola, estando hierarquicamente abaixo da coordenadora e do diretor, os quais, entretanto, não se sobrepuseram a ele no caso relatado acima. Embora advertido e tendo de responder a um relatório sobre a questão, ao professor François continua a ser creditado o controle sobre a turma. Concomitantemente, a ação dos alunos está sob total controle da escola representada diretamente pela figura do professor. Nesse ponto, percebemos que a única liberdade que têm os alunos é a

individualidade: eles não usam farda, chegando a vestir-se de maneira inapropriada para o ambiente escolar, o que não parece constituir problema. Essa realidade aparece mais claramente no livro, embora possa ser percebida também no filme, e diverge bastante da realidade enfrentada pelos brasileiros. Aqui no Brasil, mesmo os alunos de escolas públicas usam farda, ainda que esta seja constituída apenas por uma calça azul e uma blusa branca, tornando-os identificáveis e reduzindo sua individualidade às capas dos cadernos e às cores das mochilas.

Podemos pensar que o ensino de língua materna, tal como retratado no filme, chega a ser mais tradicional do que o que estamos tão acostumados a ver no Brasil. Trazendo para discussão o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), vemos diretrizes que já vencem quase duas décadas e que mostram um ensino de língua materna muito mais contextualizado, preocupado, por exemplo, com as situações de comunicação e de produção de textos, com o trabalho com os gêneros textuais etc. Nesse contexto, é trazida à superfície, cada vez mais, a voz do aluno, transformando-o em autor também de suas leituras e de suas produções, em vez de um reprodutor de palavras e de frases memorizadas e retiradas de cadernos de respostas. Essa maneira de trabalhar a língua abre espaço ainda para que o aluno traga sua cultura, muitas vezes diferente daquela de que provêm o professor e os colegas, permitindo trabalhar a língua frente aos diversos dialetos e idioletos que o sistema permite. No que tange à literatura, a escola se torna muito mais favorável a receber e a trabalhar as leituras que o aluno faz fora da escola, sem necessariamente preestabelecer leituras de difícil acesso pelo registro formal, complicado, principalmente, para aqueles que apenas começaram a estudar a língua.

Notamos que, segundo o que é mostrado no filme, o trabalho de François ainda é bastante restrito ao sistema que parece irreduzível quanto a essas questões da relação ensino-aprendizagem. E tal sistema, como no Brasil, não é formado pelas leis que o regem, mas pela prática de quem dele participa. Ainda que tenhamos leis e diretrizes que deem base para que mudemos nossa prática docente, parecemos sempre incorrer aos baixos salários e às demais dificuldades da profissão tão exploradas pela mídia.

Na antepenúltima cena, o professor pergunta aos alunos o que

aprenderam no ano, quais livros leram, o que gostaram de estudar, o que não aprenderam, ao que alguns respondem. O sinal toca indicando o final do semestre e, depois da saída de todos, uma aluna se aproxima da mesa do mestre e diz que não aprendeu nada. François diz não ser possível, que alguma coisa ela aprendeu, ao que a aluna responde que não quer ir para um curso profissional. François diz que ela não deve se preocupar, pois ela irá para o nono ano e terá tempo para pensar nisso. Na cena que segue, professores, alunos e funcionários jogam futebol no pátio, esquecendo-se de todos os desentendimentos que tiveram durante o ano. Por fim, a sala vazia e as carteiras reviradas parecem lembrar que tudo o que se passou é apenas a escola e que a vida, o clamor pelo jogo de futebol, está do lado de fora.